

Uma revisão sobre curadoria de exposições

A review of exhibition curation

Aryadna Pereira de Castro

Mestranda em Ciência da Informação pela Universidade Federal do Ceará, UFC, Fortaleza, CE, Brasil.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9419-5950>

E-mail: aryadnaufc@gmail.com

Jefferson Veras Nunes

Doutor em Ciência da Informação pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, UNESP, campus de Marília; Professor do Departamento de Ciências da Informação da Universidade Federal do Ceará, UFC, Fortaleza, Brasil.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4684-0489>

E-mail: jefferson.veras@ufc.br

Luiz Tadeu Feitosa

Doutor em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará; Professor do Departamento de Ciências da Informação da Universidade Federal do Ceará, UFC, Fortaleza, Brasil.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6159-7985>

E-mail: tadeu.feitosa62@ufc.br

Resumo

O artigo apresenta reflexões sobre curadoria de exposições e locais que se apresentam como expositivos, além dos museus. O objetivo do trabalho é mapear na literatura científica em quais lugares as exposições acontecem e como os curadores atuam, para ressaltar a importância de se aplicar práticas curatoriais em mais de um tipo de ambiente expositivo, expandindo a possibilidade para outras unidades de informação, como arquivos e bibliotecas. O referencial teórico aborda a relação entre Ciência da Informação e Museologia e os conceitos de curadoria e curadoria de exposições. A metodologia escolhida foi uma revisão de literatura e a busca foi realizada por assunto, no Portal de Periódicos da Capes. A análise dos documentos consistiu em quantificar os artigos que apresentam o termo “curadoria de exposições”, listando-os e separando-os em espaços museográficos e demais ambientes. Os resultados apontam poucos estudos que apresentam espaços expositivos fora dos museus. A revisão explicitou que há pesquisas que tratam a atividade curatorial como plural e aberta a outros ambientes, sem especificá-los. Como conclusão, assinala que a prática de curadoria de exposições pode ser aplicada em outros contextos e unidades de informação, mas há carência de literatura científica sobre o tema em Ciência da Informação.

Palavras-chave: curadoria; exposições; museus; revisão de literatura.

Abstract

This study reflects on exhibition curation and places that present themselves as expositive, in addition to museums. This study aims to map, in the scientific literature, where the exhibitions take place and how curators act to emphasize the importance of applying curatorial practices in more than one type of expositive environment, expanding the possibility to other information units, such as archives and libraries. Its theoretical framework addresses the relation between information science and museology and the concepts of curation and exhibition curation. A literature review was chosen as the methodology of this study, which was carried out by subject on the CAPES Periodicals Portal. The analysis of the documents consisted of quantifying the articles that mentioned the term “exhibition curation,” listing and separating them into museographic spaces and other environments. Results indicate few studies that describe expositive spaces outside of museums. The review showed that some studies treat the curatorial activity as plural and open to other environments, without specifying them. In conclusion, the practice of exhibition curation can be applied to other contexts and information units, despite the lack of scientific literature about the subject in information science.

Keywords: curation; exhibitions; museums; literature review.

1. Introdução

A palavra “curadoria” pode ser utilizada para mais de um fim, a depender do campo de conhecimento em que está inserida. Aos profissionais que trabalham com arte, a primeira associação feita é a curadoria no âmbito de exposições e museus; para profissionais que lidam com tecnologia, temos a curadoria digital e de dados; outro tipo seria a curadoria de conteúdo, utilizada por profissionais da informação e educação.

Em Ciência da Informação (CI), a prática de curadoria pode se relacionar diretamente com a atuação dos profissionais de Biblioteconomia, Arquivologia e Museologia, de formas distintas em cada uma de suas respectivas unidades de informação, mas sem excluir possibilidades de diálogo entre essas áreas. A interação biblioteca-arquivo-museu levanta possibilidades de práticas curatoriais em mais de um sentido, considerando aspectos particulares de cada formação, e o caráter complexo da informação que perpassa as três disciplinas.

Esta pesquisa parte do apontamento que a definição de curadoria é plural e sua prática se apresenta em mais de um contexto, porém, toma a curadoria de exposições como o objeto sobre o qual se debruça, considerando a inter e a transdisciplinaridade da sua prática no cenário contemporâneo, tendo como principais indagações: a curadoria de exposições se apresenta para ambientes além dos museus? É possível encontrar na literatura princípios de práticas curatoriais e aplicá-los a outros ambientes e tipos de unidade de informação, como arquivos e bibliotecas?

Nesse sentido, o objetivo do trabalho é encontrar na comunicação científica a prática de curadoria de exposições, mapeando, sobretudo, os lugares em que as exposições acontecem e como os curadores atuam, para ressaltar a importância da aplicação de práticas curatoriais em mais de um tipo de ambiente expositivo, trazendo a reflexão para além dos museus e estendendo às demais unidades informacionais do âmbito da CI.

O artigo está dividido em seis seções, contendo esta introdução, e as demais: a seção 2 trata da aproximação e da distinção entre a CI e a Museologia e aborda as possibilidades de interação entre suas disciplinas; a seção 3 está destinada ao aporte teórico sobre o conceito e a prática de curadoria de exposições; a seção 4 apresenta a metodologia escolhida e traz considerações sobre a revisão de literatura; a seção 5 apresenta os resultados da busca, expondo o material recuperado, apontando as possibilidades de espaços expositivos, para além dos museus, e dialogando com a problemática apresentada. A seção 6 conclui este artigo.

2. Ciência da Informação e a interação biblioteca-arquivo-museu

No Brasil, a divisão de disciplinas por áreas do conhecimento obedece a uma tabela de titulação orientada pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes). Essa tabela traz grandes áreas e subáreas do conhecimento e está dividida em quatro níveis, de modo que é possível encontrar a CI e a Museologia como subáreas distintas dentro da grande área Ciências Sociais Aplicadas, porém afuniladas no mesmo campo de avaliação: Comunicação e Informação (Brasil, 2017). É interessante tocar nesse aspecto pois a Biblioteconomia e a Arquivologia aparecem integradas diretamente à CI, enquanto a Museologia aparece à parte. Porém, apesar da distinção, deve-se levar em conta a possibilidade de diálogo e temáticas de pesquisa que as três podem abordar em conjunto.

Como exemplo, Araújo (2011) se debruça sobre a abordagem das relações teóricas e institucionais entre as três disciplinas. Para o autor, entre a CI, a Biblioteconomia e a Arquivologia houve uma colaboração científica mais expressiva que entre a CI e a Museologia, em que a última aparece um pouco mais dispersa e presa em seus manuais e procedimentos, resultando na falta de um diálogo consistente com cientistas da informação, já que “por detrás dos conhecimentos produzidos está sempre um ‘outro’: um historiador, um artista, um antropólogo” (Araújo, 2011, p. 119).

Se observarmos o contexto da tabela e a divisão das áreas, talvez a falta de diálogo se deva ao fato de a Museologia ter o seu caminhar um pouco mais apartado em relação às outras duas. Cury (2005b) afirma que a nova Museologia está no caminho da transdisciplinaridade e tem a preocupação social como um de seus principais pilares. A autora afirma que o desenvolvimento das pesquisas observa “a possibilidade de recorte da realidade que une desenvolvimento social, dinâmica cultural, políticas públicas, práxis cotidiana, desenvolvimento humano, processo educacional com patrimônio cultural, conhecimento e preservação” (Cury, 2005b, p. 70), nos colocando diante de um contexto passível de diálogo e não de caminhos bifurcados.

Nesse sentido, Araújo e Valentim (2019) trazem uma perspectiva do cenário brasileiro de pesquisas em CI de acordo com as instituições que estão comprometidas com a área, como a Associação Brasileira de Educação em Ciência da Informação (Abecin) e a Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação (Ancib), que atuam no âmbito da graduação e da pós-graduação, respectivamente. Apresentam as temáticas

pesquisadas a nível de pós-graduação de acordo com os Grupos de Trabalho (GT) do Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (Enancib), por meio de levantamento em bases de dados. Na relação entre CI e Museologia, vale ressaltar os seguintes estudos que constam nas bases de dados:

[...] patrimônio material e imaterial; patrimônio cultural; políticas públicas voltadas aos museus; museu virtual; educação patrimonial; expografias; ações comunicativas em museus; atribuição de valor econômico aos bens culturais; **interação arquivo-museu**; práticas informacionais em museus; colecionismo; documentação museológica; novas interfaces museológicas (Araújo; Valentim, 2019, p. 252, grifo nosso).

O destaque para as pesquisas de interação arquivo-museu remete à possibilidade de estudos também sobre a relação biblioteca-museu, que não aparece neste levantamento, mas nos instigam em relação a pesquisas que focuem no diálogo entre a Biblioteconomia, a Arquivologia e a Museologia, tornando possível conversar não apenas uma ou outra, de forma isolada, mas as três, numa interação biblioteca-arquivo-museu.

A Faculdade de Letras da Universidade do Porto, em parceria com o Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal da Bahia (UFBA), realizou a segunda edição do Encontro Internacional de Arquivos, Bibliotecas e Museus (II ABM), com o tema “Do sincretismo à integração”. O evento ocorreu em novembro de 2022 e focou seus grupos temáticos na comunicação entre as três áreas, abordando assuntos atuais e pertinentes a cada uma, como gestão, interdisciplinaridade, tecnologia, memória, entre outros, de forma que os conteúdos pudessem estar triplamente entrosados. O primeiro encontro, realizado em 2011, resultou no livro *Arquivos, bibliotecas e museus: realidades de Portugal e Brasil* (Duarte, 2013), que é um importante exemplo de como é possível reforçar a interação mencionada anteriormente.

A partir disso, ao considerar um ponto de interseção específico que pode gerar essa tripla interação, a prática da curadoria se apresenta como uma opção de atuação para os profissionais de cada uma dessas unidades de informação. Ela pode ter formas de aplicação distintas e gerar resultados diversos a partir de sua utilização. Embora a curadoria de exposições seja um conceito com uma força considerável no contexto da Museologia, propor uma reflexão sobre o que são exposições e espaços expositivos amplia suas possibilidades para outros ambientes fora do museu e destaca a possibilidade de convergência da prática curatorial nas três disciplinas.

É natural que o principal local a ser considerado quando se planeja uma exposição é o museu, mas outras unidades de informação também podem recebê-las, como arquivos e

bibliotecas. Morais e Celestino (2017) defendem que a contribuição da Museologia é inegável para difundir e preservar a arte, mas as bibliotecas também deveriam estar fortemente vinculadas a essas unidades e às práticas que ocorrem nelas, pois ambas têm caráter cultural e social, e dentro do espectro que estamos trabalhando, ambos possuem ambientes para exposições. Cavalheiro (2018) faz uma pesquisa em que relaciona arquivos e museus e sua configuração baseada na divulgação artística, científica, cultural e literária, que nos leva a uma reflexão acerca dos serviços educativos que podem interligar ambas.

Portanto, a partir de agora será feita uma explanação sobre curadoria de exposições, apresentando conceitos de curadoria, práticas curatoriais, práticas expositivas, alguns aspectos e formas de execução, bem como áreas afins com as quais se relacionam.

3. Curadoria de exposições

Analisando a palavra curadoria de forma etimológica, Steimer e Crippa (2017, p. 138) nos apresentam duas origens: a primeira, do latim *curare*, “significa cuidar, zelar, tratar”, e a segunda, do tupi-guarani, *curare*, “significa um veneno de ação paralisante, com efeito letárgico e de catarse, usado para caça” (Steimer; Crippa, 2017, p. 138). São definições com sentidos completamente diferentes, embora ricos em seus significados. O primeiro é mais comum e vem prontamente ao nosso imaginário quando pensamos em “curar” algo, fazendo sentido com as associações em relação ao cuidado e ao zelo no tratamento de qualquer informação, artefato, conteúdo etc. O segundo nos coloca diante de uma hesitação, pode parecer inicialmente conflitante, e é necessário pensar de forma mais aprofundada sobre a sua definição e como ela pode ser agregadora diante do primeiro significado. Por exemplo, a curadoria, no mesmo intuito de zelar e cuidar, também pode ser usada para paralisar, capturar. Se uma informação, uma exposição, ou o conteúdo de um ou mais documentos são pensados com zelo e cuidado e, por fim, conseguem paralisar e capturar a atenção de um receptor, então é possível que as duas formas etimológicas da palavra façam bastante sentido juntas, ainda que a princípio pareçam opostas.

Nesse sentido, podemos observar que a palavra curadoria por si só é dinâmica, o que remete ao fato que suas práticas também o são. Conceito e prática adotados com força pela Museologia, pois um curador sempre possui um lugar de destaque numa exposição, a curadoria pode estar para muito além das paredes de um museu. Gamboggi (2014, p. 214) aponta que o

conceito de curadoria “passou a ser amplamente usado em outros mercados como, por exemplo, culinária, música e moda. Encontram-se curadores em praticamente todas as áreas do conhecimento, existem, inclusive, curadores de conhecimento”.

Bruno (2008) destaca a capacidade de adequação – ou migração, nas palavras da autora, para fora do âmbito apenas museológico – da curadoria aos mais diferentes cenários e contextos, pelo fato de ser um conceito que se transforma ao longo de um caminho que ainda está sendo percorrido. Para Gamboggi (2014), esse percurso traz em sua essência condutas para que a prática curatorial seja funcional e mantenha essa constante transformação: a observação, a coleta, o tratamento e a administração e gestão dos acervos e coleções são procedimentos intrínsecos à curadoria.

A curadoria de exposições é apenas um dos tipos de curadoria passíveis de estudos e pesquisas em diversas áreas do conhecimento. Curadoria de conteúdo, curadoria de dados e curadoria digital se destacam devido ao volume de pesquisas presentes em bases de dados de Ciência da Informação. Embora esses tipos de curadoria abordem o termo sob outros aspectos, partem do princípio de cuidar, zelar e tratar a informação, o documento ou o artefato, podendo ser relacionados à curadoria de exposições.

O principal aspecto a ser considerado, antes de tratar acerca da prática curatorial em si, diz respeito ao conceito de exposição. Para Botallo (2004, p. 41), “a exposição é uma construção, um produto diferente dos objetos [...] crivadas de valores que devem ser trazidos à tona”. Cury (2005a) diz que os objetos que compõem uma exposição são pensados, ou escolhidos, sob duas perspectivas que acontecem em momentos distintos: a primeira, quando ele é adquirido e passa a ser parte do acervo de uma instituição, e a segunda quando ele é agrupado a outros objetos para compor uma mostra ao público. De acordo com Barbosa (2013), uma exposição é uma possibilidade de comunicação, pois é quando um objeto ou material é levado a público e segue uma série de princípios (advindos da curadoria) para se fazer entender em determinado espaço. Assim, uma exposição se constitui de objetos que objetivam comunicar algo, e o trabalho de curadoria possui esse papel mediacional.

A curadoria de exposições está ligada à crítica, e uma de suas principais características são as dimensões pedagógica, cultural, política, dentre outras, que permeiam o objetivo final da exposição. Barbosa (2013, p. 139) afirma que “a execução da curadoria de exposições segue princípios específicos visando referenciar a presença do objeto no espaço e dar importância ao contexto no qual é colocado”. É certo que esses princípios partem de mais de uma área do

conhecimento, e em complemento aos princípios, Cury (2020, p. 170) nos apresenta a curadoria como um ciclo, no qual as etapas compreendem “a formação de coleções, estudos da cultura material, a salvaguarda (conservação e documentação) e a comunicação (exposição e educação)”.

É interessante pensar a curadoria de exposições como um ciclo, pois todas as etapas acontecem de forma interligadas e precisam chegar ao objetivo final – o diálogo com o público – passando por etapas que envolvem mais de uma área do conhecimento e diferentes tipos de materiais e métodos para sua construção. Nesse sentido, Ferraz (2017, p. 39) traz a seguinte reflexão:

[...] é bom termos em conta que uma exposição não é um livro, um filme, uma aula, um culto religioso ou um show, e nem deve “querer” sê-lo, apesar de poder ter disso tudo um pouco. A gramática expositiva é própria e, para complicar ainda mais, varia de acordo com os temas tratados e com as abordagens que se quer construir. Além disso, essa gramática é definida ainda pelos recursos humanos e materiais disponíveis. Assim, cada história contada por uma exposição é única.

Ao falar sobre recursos humanos e materiais disponíveis, o autor levanta um ponto importante, pois as ideias de um curador podem acabar sendo limitadas a depender do espaço e dos recursos que estão à sua disposição. O autor apresenta alguns desafios da curadoria sob a ótica da arquitetura e também enfoca alguns questionamentos de cunho político e social ao defender que “toda exposição (projeto) é um gesto político, uma manifestação de ideias num quadro sociocultural” (Ferraz, 2017, p. 36).

A curadoria “traz para o embate poético com as obras, elementos cenográficos, textos, objetos, documentos que não se pretendem arte, mas cuja presença produz novas e outras leituras potencializadoras da experiência e do(s) partido(s) conceitual(ais) proposto(s) pela exposição” (Osório, 2018, p. 71). Logo, ao considerar todos esses aspectos, pensar o local que a exposição vai acontecer é fundamental para que se obtenha êxito.

Em seu texto sobre curadoria e ações interdisciplinares em museus, Moraes (2011, p. 3000) traz um apontamento importante: a curadoria pode ser utilizada para “ações desenvolvidas em instituições culturais, que envolvem a seleção, interpretação e comunicação de um determinado conteúdo para o público”. A autora destaca que as exposições podem acontecer em outros locais, tais como: “museus, centros culturais, bienais ou feiras, bem como mostras de vídeos, filmes, áudios, performances, entre outras expressões que buscam a comunicação” (Moraes, 2011, p. 3000).

Esse é ponto de investigação que será tomado a partir de agora, a busca por outros ambientes expositivos na literatura científica, além dos museus, que possam trazer reflexões para que outras unidades de informação também se apropriem das práticas curatoriais de exposições.

4. Metodologia

Esta pesquisa apresenta uma revisão de literatura e possui uma abordagem quantitativa devido ao levantamento realizado no Portal de Periódicos da Capes sobre a temática apresentada. Mussi *et al.* (2020, p. 418) afirmam que “a pesquisa quantitativa pretende e permite a determinação de indicadores e tendências presentes na realidade, ou seja, dados representativos e objetivos”. Nesse caso, os números detalhados na busca realizada sobre as exposições e os tipos de ambientes em que elas ocorrem se adequam a esses indicadores e aos dados interessantes à revisão apresentada.

Ao apresentar os tipos de revisão de literatura numa pesquisa, Mariano e Rocha (2017, p. 431) afirmam que “a revisão da literatura pode ser de dois tipos, a narrativa e a sistemática. Sendo a narrativa considerada aquela pesquisa realizada por conveniência e sem artefatos objetivos de seleção do material”. Entende-se que optar por uma revisão de literatura narrativa para este trabalho é conveniente, pois ela possibilita uma discussão que pode ser aprofundada de forma sistemática em pesquisas futuras. Quando se observa a curadoria de exposições, o processo de busca propicia encontrar resultados organizados que, dentre outras contribuições, auxiliam no aporte teórico já apresentado.

Já Ferenhof e Fernandes (2016) acrescentam uma terceira forma para a revisão de literatura, a integrativa, ao afirmarem que “a revisão da literatura é a base para [...] identificar hiatos a serem explorados em determinados assuntos. Para isso, existem várias formas de revisão: narrativa, sistemática e integrativa”. Essa afirmativa tem um caráter desafiador, pois instiga os pesquisadores a recorrer a essa ferramenta para aprofundar determinadas temáticas, tecendo novas relações entre o que já vem sendo estudado, todavia, sob novas perspectivas.

Ao sintetizar as principais etapas de uma revisão de literatura, de acordo com Brizola e Fantin (2017), pode-se obter as seguintes etapas: 1) delimitação do problema da pesquisa; 2) auxílio na busca de novas linhas de investigação para o problema em questão; 3) procurar abordagens nunca percorridas; 4) identificação de trabalhos já realizados, já escritos e a

possibilidade de partir para outras abordagens; 5) evitar que o pesquisador realize mais do mesmo, que tenha possibilidade de tornar sua pesquisa relevante.

Assim, considerando as indagações iniciais desta pesquisa acerca dos diversos ambientes que podem ser considerados para a prática de curadoria de exposições, o objetivo é encontrar na literatura princípios de práticas curatoriais que possam ser aplicados a outros contextos e tipos de unidades de informação, ampliando o diálogo também para o âmbito dos arquivos e bibliotecas.

No Portal de Periódicos da Capes, ao realizar a busca por assunto, foram obtidos 66 artigos como resultado. Esse número representa um recorte da tabela de busca avançada do próprio site, que exibe os campos de busca e como foram preenchidos. Os termos “curadoria” e “exposições” foram inseridos e conectados por meio do operador booleano “E”. Além disso, foi utilizado o operador booleano “NÃO” para excluir os termos “digital” e “dados”, pois, embora sejam frequentemente utilizados em pesquisas atuais, não são pertinentes para as questões levantadas neste trabalho. Outros filtros aplicados incluíram o tipo de material, restringindo-se apenas a artigos de periódicos, uma vez que o interesse é verificar em veículos de comunicação científica, excluindo assim a literatura cinzenta. Também foi selecionado o tipo de acesso desses periódicos, optando-se por artigos em periódicos de acesso aberto, facilitando assim a consulta dos materiais na íntegra. Além disso, o idioma foi limitado ao português.

Os artigos foram ordenados do mais recente ao mais antigo para demarcar a linha temporal à qual as pesquisas pertencem, trazendo resultados de 2003 a 2022. A análise e discussão, detalhados na seção a seguir, incluem a tabulação de características, o apontamento de resultados e a descrição crítica dos materiais recuperados.

5. Análise e discussão

Após a leitura de todos os resumos, dos 66 artigos recuperados, 22 foram descartados por não se aplicarem ao tema desta pesquisa, seja por pertencerem a outras áreas do conhecimento ou por serem repetidos, restando 44 artigos para análise. Os artigos restantes foram lidos na íntegra em busca da relação entre a curadoria de exposições com o local onde a exposição aconteceu, sendo que 38 explicitavam o local no corpo do artigo e apenas 6 abordavam estudos sobre curadoria e exposições sem citar locais específicos.

Os resultados seguem conforme o Quadro 1, no qual a maioria dos locais continua sendo, tradicionalmente, o museu, com 25 resultados, ainda que sejam museus em esferas distintas, grandes museus da Europa, museus de moda, museus de arte em grandes capitais brasileiras, como São Paulo ou Rio de Janeiro, dentre outros. Em seguida, 6 artigos discutem conceitos e práticas curatoriais sem especificar uma exposição específica; 4 associam os museus a centros culturais; 2 trataram de exposições em espaços museográficos, mas detiveram suas discussões nos documentos que subsidiaram as exposições, advindos de arquivos; 2 relataram curadoria em ambientes domiciliares, onde artistas ou familiares de artistas fizeram a curadoria de suas obras e disponibilizaram a mostra para o público em suas residências; 2 trouxeram exposições em ambientes universitários, não necessariamente museus, mas galerias ou espaços transformados em expositivos e culturais dentro das instituições de ensino superior, sendo que um deles ocorreu em um evento universitário em Praga, na República Checa. Os demais locais foram: 1 em evento fotográfico em museu, com acervo oriundo de um centro de documentação; 1 em evento em Bienal de Arte; e 1 tratava-se de um acervo arqueológico na Amazônia, com curadoria e mostra coletiva realizada por parte dos indígenas da região.

Quadro 1 – Local das exposições

| Quantidade de artigos | Local da exposição |
|-----------------------|---|
| 25 | Museus |
| 6 | Discutem os conceitos e possibilidades sem citar lugar específico |
| 4 | Museus e/ou espaços expositivos de centros culturais |
| 2 | Museus com curadoria realizada por meio de documentos de arquivos |
| 2 | Casa/ambiente domiciliar |
| 2 | Espaços expositivos de ambientes universitários |
| 1 | Evento fotográfico em museu com acervo oriundo de um centro de documentação |
| 1 | Bienal de arte |
| 1 | Exposição coletiva/comunitária de acervo arqueológico |

Fonte: Elaborado pelos autores.

Afora os artigos que tratam apenas de museus, já que a busca se baseia sobretudo em outros ambientes, destacam-se primeiramente os dois textos sobre exposições com pesquisas advindas de documentos de arquivos, no caso, sobre as torturas causadas pela época da ditadura militar brasileira (Costa, 2022; Hussak, 2018). As pesquisas foram realizadas nos arquivos da Comissão Nacional da Verdade (CNV), mostrando, assim, que ainda que as exposições não tenham ocorrido nas dependências da unidade de informação em si, o arquivo é essencial para oferecer subsídio às pesquisas que podem compor a curadoria de uma exposição sobre qualquer assunto.

Os centros culturais geralmente estão integrados aos museus. Como exemplo, o Centro Cultural Dragão do Mar, na cidade de Fortaleza, possui pelo menos dois museus de temáticas distintas inseridos em seu espaço. Há quatro estudos abordando exposições em centros culturais, sejam bancários ou governamentais, e nota-se que esse é um espaço aberto e que vê com bons olhos a prática curatorial em seu ambiente. Assim como os museus-casa, ou ambientes domiciliares, que também aparecem em dois dos registros recuperados. Esses espaços, normalmente, são abertos pelos próprios donos, que são artistas, como no artigo de Schultz e Veiga (2019), que apresentam uma exposição na casa da artista negra Tercília dos Santos, em Santa Catarina.

Um dos artigos sobre espaços universitários é um projeto de extensão de uma universidade pública intitulado “Galeria de Arte Proex: um espaço de muitas ações culturais/artísticas” (Nunes; Suarez; Borsoi, 2021), que contou ainda com exposições itinerantes a cada dois meses dentro de um espaço da Universidade. O outro, tratado como ambiente universitário, se tratou de uma exposição e curadoria na Mostra dos Estudantes Brasileiros de Desenho da Cena na Quadrienal de Praga, no ano de 2015. A exposição foi feita pelos estudantes do Instituto de Arte da Universidade de Brasília (UnB) (Paiva; Schwantes, 2020).

O artigo sobre a exposição fotográfica trata da “Coleção Francisco Rodrigues 1840-1920” (Mauad, 2015), oriunda do acervo que se encontra no Centro de Documentação e de Estudos da História Brasileira (Cehibra), da Fundação Joaquim Nabuco, localizada na cidade de Recife, Pernambuco. A exposição ocorreu no evento FotoRio 2011, no Museu Nacional de Belas Artes, mas assim como as pesquisas realizadas nos arquivos da CNV, é imprescindível ressaltar o papel do Centro de Documentação como suporte e local de guarda da coleção que embasou a curadoria da exposição fotográfica.

A exposição na Bienal de Arte (Formiga, 2010), ainda que num local distinto do museu em si, remete a ambientes museográficos, porém todos concentrados em um único ambiente para um evento específico; e quanto à exposição arqueológica na região da Amazônia (Lima, Andrade, Silva, 2017), o destaque para a forma como o artigo a trata é sob o aspecto da curadoria coletiva, onde a comunidade da Reserva de Desenvolvimento Sustentável do Tupé, localizada na zona rural de Manaus (AM), teve participação direta não apenas na curadoria da exposição, mas na criação das peças expostas, que foram feitas de cerâmica pelos moradores.

Quanto aos registros recuperados que abordam conceitos e práticas curatoriais sem citar locais ou exposições específicas, Bambozzi (2019) apresenta em seu artigo intitulado “Da curadoria de artista a alguma outra coisa” uma série de lembranças do próprio trabalho como curador independente em diversos locais. São nesses trabalhos, principalmente, que se encontram as falas acerca da possibilidade de expansão da curadoria de exposições. O autor traz uma visão do curador como um facilitador, alguém que viabiliza participações em espaços e trabalhos, que instiga arte e insiste em manter a arte e a cultura ao alcance das pessoas e que sustenta a afirmativa de que “[...] se pense na exposição como exercício estético, como forma de proporcionar uma experiência de valor sensorial, único ou minimamente memorável” (Bambozzi, 2019, p. 17).

Já Queiroz (2016, p. 201), em seu artigo sobre Museologia Social, traz um aspecto muito interessante sobre o que ela chama de (meta)curadoria, que consiste em “abrir espaços para reflexões, releituras, reinterpretações e novas proposições expográficas”. O texto conversa bastante com as questões levantadas aqui, pois as novas proposições expográficas remetem a lugares que fogem das paredes do museu e podem se aplicar a outros ambientes; Queiroz (2016, p. 203) diz que “as práticas museológicas não dependem necessariamente do intermédio do museu para que ocorram e apresentem resultados satisfatórios”. A autora afirma que tanto a (meta)curadoria quanto a museologia social apresentam características transdisciplinares e apontam para quebra de paradigmas, o que permite, aqui, a afirmação de que é possível propor exposições sob o olhar da curadoria para ambientes múltiplos.

Outro destaque vai para Scovino (2018, p. 39), que expressou que

[...] o compromisso do curador é com o público, pois seu trabalho tem uma premissa educacional, de permitir que os objetos selecionados por ele sejam articulados como uma experiência cultural, histórica e artística, causando um entrecruzamento de informações, visões e disciplinas que construirão outras perspectivas de mundo ou tornarão o olhar do público mais sensível ao seu próprio entorno.

Ao abordar a curadoria de exposições como uma experiência cultural, histórica e artística, e que a consequência disso são disciplinas que podem se cruzar, construindo para o público novas perspectivas, colocar a curadoria no âmbito da CI e de suas unidades e centros informacionais como aspecto fundamental a ser estudado e considerado, seja fornecendo subsídio para as pesquisas e material para compor as mostras, evidencia que a área também se preocupa com esse diálogo e a interação museu-biblioteca-arquivo precisa se fortalecer, nos profissionais, nas bibliotecas, arquivos e museus e também na literatura científica corrente que serve de aporte teórico para a área.

6. Conclusão

De acordo com os registros recuperados na busca no Portal de Periódicos da Capes, conclui-se que há baixa quantidade de artigos sobre o tema, em acesso aberto e língua portuguesa. De 2003 a 2022, ou seja, em 19 anos, apenas 44 registros foram válidos para a pesquisa – uma média 2,3 artigos por anos sobre o tema – em diversos periódicos de áreas diferentes, mostrando que as pesquisas estão espalhadas em campos distintos, abrangendo Museologia, Artes Visuais, Arquitetura, dentre outros. Apesar da variação de áreas nas publicações, a grande maioria das exposições se encaixa dentro do tradicional ambiente do museu, com poucas pesquisas apresentando possibilidades fora desse espaço ou apresentando relações com outras unidades de informação, como no caso dos arquivos e do centro de documentação que se ligaram às exposições por meio de seu acervo servindo de base para a curadoria.

A produção científica a respeito do conceito de curadoria de exposições também se apresenta em baixo número, porém com uma discussão rica que aponta que a prática pode ser aplicada em outros contextos e unidades de informação, principalmente nos registros mais recentes que abordam aspectos sociais da Museologia e novas formas de curadoria. Conclui-se que há uma carência de literatura científica sobre o tema em CI, sendo possível identificar lacunas que abrem possibilidades para novas investigações e fortalecem o diálogo entre o objeto estudado, a Museologia e a Ciência da Informação.

Referências

- ARAÚJO, C. A. A. Ciência da Informação, Biblioteconomia, Arquivologia e Museologia: relações teóricas e institucionais. **Encontros Bibli**: revista eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação, Florianópolis, v. 16, n. 31, p. 110-130, 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2011v16n31p110>. Acesso em: 29 abr. 2022.
- ARAÚJO, C. A. A.; VALENTIM, M. L. P. A Ciência da Informação no Brasil: mapeamento da pesquisa e cenário institucional. Bibliotecas. **Anales de Investigación**, Habana, v. 15, n. 2, p. 232-259, 2019.
- BAMBOZZI, L. Da curadoria de artista a alguma outra coisa. **DAT Journal**, São Paulo, v. 4, n. 2, p. 3-21, 2019.
- BARBOSA, C. A era da curadoria. **Museologia & Interdisciplinaridade**, Brasília, v. 2, n. 4, 2013. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/museologia/article/view/16370>. Acesso em: 7 jul. 2022.
- BOTALLO, M. A curadoria de exposições de arte moderna e contemporânea e sua relação com a museologia e os museus. **Concinnitas** – Revista do Instituto de Artes da UERJ, Rio de Janeiro, v. 1, n. 6, 2004. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/concinnitas/article/view/44482/30252>. Acesso em: 2 jul. 2022.
- BRASIL. Ministério da Educação. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. **Tabela de Áreas de Conhecimento/Avaliação**. Brasília, DF: MEC, 2017. Disponível em: <https://www.gov.br/capes/pt-br/aceso-a-informacao/acoes-e-programas/avaliacao/instrumentos/documentos-de-apoio-1/tabela-de-areas-de-conhecimento-avaliacao>. Acesso em: 12 jun. 2022.
- BRIZOLA, J.; FANTIN, N. Revisão da literatura e revisão sistemática da literatura. **Revista de Educação do Vale do Arinos** – RELVA, Juara, v. 3, n. 2, 2017.
- BRUNO, M. C. O. Definição de curadoria: os caminhos do enquadramento, tratamento e extroversão da herança patrimonial. In: JULIÃO, L. (coord.). **Caderno de diretrizes museológicas 2**: mediação em museus: curadorias, exposições, ação educativa. Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Cultura, Superintendência de Museus, 2008. Disponível em: http://www.iber museus.org/wp-content/uploads/2015/07/Unidad1Texto_Definicao-de-Curadoria.pdf. Acesso em: 16 jun. 2022.
- CAVALHEIRO, M. U. Curadoria educativa em arquivos-museus literários: reflexões iniciais. **Archeion Online**, João Pessoa, v. 6, n. 1, p. 67-79, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/archeion/article/view/37037>. Acesso em: 29 set. 2021.
- COSTA, L. C. Perigosos, subversivos, sediciosos: a inversão do trajeto da violência. **Palíndromo**, Florianópolis, v. 14, n. 32, p. 270-283, 2022.
- CURY, M. X. **Exposição**: concepção, montagem e avaliação. São Paulo: Annablume, 2005a.

CURY, M. X. Museologia-marcos referenciais. **Revista Cadernos do Ceom**, Chapecó, v. 18, n. 21, p. 45-74, 2005b.

CURY, M. X. Política de gestão de coleções: museu universitário, curadoria indígena e processo colaborativo. **Revista CPC**, São Paulo, v. 15, n. 30, p. 165-191, 2020. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/cpc/article/view/172076>. Acesso em: 22 jul. 2021.

DUARTE, Z (org.). **Arquivos, bibliotecas e museus: realidades de Portugal e Brasil**. Salvador: EDUFBA, 2013.

FERENHOF, H. A.; FERNANDES, R. F. Desmistificando a revisão de literatura como base para redação científica: método SSF. **Revista ACB**, Florianópolis, v. 21, n. 3, p. 550-563, 2016.

FERRAZ, M. C. A curadoria de exposições de arquitetura. **arq.urb**, São Paulo, n. 20, 2017. Disponível em: <https://www.revistaarqurb.com.br/arqurb/article/view/135>. Acesso em: 7 jul. 2022.

FORMIGA, T. Mário Pedrosa e a arte moderna: o papel da arte latino-americana no processo de renovação estética. **Extraprensa**, São Paulo, v. 1, n. esp., 2010.

GAMBOGGI, L. O curador como intermediário cultural. **IARA: revista de moda, cultura e arte**, São Paulo, v. 7, n. 2, p. 213-224, 2014.

HUSSAK, P. A memória do que não passou: Leila Danziger e a elaboração da memória da ditadura brasileira nas artes visuais. **Viso**, Rio De Janeiro, v. 12, n. 23, p. 38-53, 2018.

LIMA, H. P.; ANDRADE, E. B.; SILVA, C. A. Gestão do patrimônio arqueológico na Amazônia: desafios da curadoria compartilhada na REDES do Tupé, Manaus, Amazonas. **Revista Arqueologia Pública**, Campinas, v. 11, n. 2[19], p. 114-137, 2017. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rap/article/view/8649677>. Acesso em: 7 jul. 2022.

MARIANO, A. M.; ROCHA, M. S. Revisão da literatura: apresentação de uma abordagem integradora. In: AEDEM INTERNATIONAL CONFERENCE, 26., 2017, Calabria. **Anais [...]**. Vigo: AEDEM, 2017. p. 427-442.

MAUAD, A. Quadros de uma exposição: um retrato do Brasil oitocentista na coleção Francisco Rodrigues (1840-1920). **Artelogie**, [s. l.], v. 7, 2015.

MORAES, J. N. L. Curadoria e ação interdisciplinar em museus: a dimensão comunicacional e informacional de exposições. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 12., 2011, Brasília. **Anais [...]**. Brasília: ANCIB, 2011. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/182944>. Acesso em: 3 jul. 2022.

MORAIS, N. S.; CELESTINO, E. J. M. Obras de artes em bibliotecas: possibilidades além dos livros. In: SEMINÁRIO DE INFORMAÇÃO E ARTE, 5., nov. 2017, Rio de Janeiro. **Anais [...]**. Rio de Janeiro: Redarte, 2017.

MUSSI, R. F. F.; MUSSI, L. M. P. T.; ASSUNÇÃO, E. T. C.; NUNES, C. P. Pesquisa quantitativa e/ou qualitativa: distanciamentos, aproximações e possibilidades. **Revista**

Sustinere, Rio de Janeiro, v. 7, n. 2, p. 414-430, 2020. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/sustinere/article/view/41193>. Acesso em: 5 abr. 2024.

NUNES, A.; SUAREZ, A.; BORSOI, S. Galeria de Arte Proex: um espaço de muitas ações culturais/artísticas. **Revista Conexão UEPG**, Ponta Grossa, v. 17, n. 1, 2021.

OSORIO, L. C. Virada curatorial: o pôr-em-obra da exposição como poética relacional. **Revista Poiésis**, Niterói, v. 16, n. 26, p. 65-80, 29 set. 2018. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/poiesis/article/view/22862>. Acesso em: 29 jun. 2022.

PAIVA, S. M. C.; SCHWANTES, C. S. Laboratório transdisciplinar de cenografia (LTC) redesenhando a exposição de estudantes do Brasil na PQ15. **Cena**, Porto Alegre, n. 30, p. 86-98, 2020. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/cena/article/view/96049>. Acesso em: 7 jul. 2022.

QUEIROZ, M. (Meta)curadoria em processos de Museologia Social. **Museologia & Interdisciplinaridade**, Brasília, v. 5, n. 10, p. 196-212, 2016.

SCHULTZ, V.; VEIGA, L. M. Universo particular, a arte como mediadora de realidades e identidades. **DAPesquisa**, Florianópolis, v. 2, n. 4, p. 169-175, 2019.

SCOVINO, F. Anotações e dilemas de um curador no Brasil. **Ars**, São Paulo, v. 16, n. 33, p. 29-41, 2018.

STEIMER, I. S. G.; CRIPPA, G. Curadoria e crítica. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 13, n. esp., p. 137-144, set. 2017.

Artigo submetido em: 01 dez. 2022

Artigo aceito em: abr. 2024